



Recebido em 28/11/2020

Aceito em 23/04/2021

DOI: 10.26512/emtempos.v1i38.35352

## ARTIGO

# O desenvolvimentismo de Furtado e o liberalismo de Campos?

The Development of Furtado and the liberalism of Campos?

**Fernando Mendes Coelho**

Doutorando em História pela UFPR

orcid.org/0000-0001-8790-2266

[fermcoelho@hotmail.com](mailto:fermcoelho@hotmail.com)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir através das obras autobiográficas de Celso Furtado e Roberto Campos as possíveis conexões de redes intelectuais estabelecidas entre os dois economistas a partir do ano de 1953. Para tal objetivo utilizarei como referencial teórico as contribuições de Eduardo Devés-Valdés e outros autores complementares para visualizar as possibilidades teóricas e metodológicas que permitem a abordagem da História Intelectual. O interesse em abordar os dois economistas citados refere-se ao papel de protagonismo que ambos tiveram no pensamento econômico brasileiro do século XX, principalmente ao elaborarem influentes teorias econômicas, participarem de parcerias, comissões mistas e governos, sobretudo atuando como planejadores. A hipótese central do artigo é que foi estabelecida uma conexão de rede intelectual entre Furtado e Campos na época da formação da Comissão Mista CEPAL-BNDE. Para trabalhar esta hipótese iremos explorar dentro das obras autobiográficas as aproximações e distanciamentos entre os dois economistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Celso Furtado. Roberto Campos. Rede Intelectual.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss through the autobiographical works of Celso Furtado and Roberto Campos the possible connections of intellectual networks established between the two economists from the year 1953. For this purpose we will use as a theoretical reference the contributions of Eduardo Devés-Valdés and other complementary authors to visualize the theoretical and methodological possibilities that allow the approach of Intellectual History. The interest in approaching the two economists cited refers to the leading role that both had in the Brazilian economic thought of the 20th century, mainly when elaborating influential economic theories, participating in partnerships, mixed commissions and governments, mainly acting as planners. The central hypothesis of the article is that an intellectual network connection was established between Furtado and Campos at the time of the formation of the ECLAC-BNDE Joint Commission. To work with this hypothesis we will explore within the autobiographical works the approximations and distances between the two economists.

**KEYWORDS:** Celso Furtado. Roberto Campos. Intellectual Network.

## Introdução

Por que iniciar o artigo com o título em forma de pergunta? Primeiramente porque o objetivo deste artigo é apresentar dois personagens e suas conexões no início dos anos 1950. Como expor de forma satisfatória homens que foram tão importantes para o pensamento econômico brasileiro? Em segundo lugar, como tratar de homens com uma vasta experiência acadêmica e profissional, que passaram por diversas fases em suas carreiras e em suas vidas?

Não é possível explorar a autobiografia de alguém sem considerar que a vida é um fluxo, em que a cada dia estamos diferentes do que fomos no dia anterior. Assim foi com Celso Furtado e Roberto de Oliveira Campos, nossos personagens centrais. O que quero dizer é que não vou rotular nossos dois economistas, pois, a vasta literatura do pensamento econômico já se encarregou de fazer isto. Logicamente não vou negar o viés desenvolvimentista nacionalista de Furtado, nem as fases pelas quais passou Roberto Campos desde que foi um desenvolvimentista não nacionalista, até ser um liberal convicto. Mas estes homens não eram só isto, foram importantes personagens da economia brasileira.

Viagens, encontros, estudos, experiências de governo, a passagem pela ditadura militar, é possível citar muitos eventos nos quais estes dois economistas estiveram presentes, com uma frutífera produção de ideias e pensamentos, em que podemos resumir que a história do planejamento econômico brasileiro deve muito a Celso Furtado e Roberto de Oliveira Campos. Utilizarei como ferramenta as obras autobiográficas dos dois, sobre Celso Furtado explorarei *A Fantasia Organizada* e *A Fantasia Desfeita*, e a respeito de Roberto Campos *A Lanterna na Popa*, observando como um economista se referia ao outro, e identificando pontos de convergência entre os dois principalmente no início dos anos 1950.

A respeito da pergunta que dá nome ao artigo, buscarei respondê-la apresentando o lado desenvolvimentista de Roberto Campos, pois ele é lembrado essencialmente como um liberal, e procurarei expor suas relações profissionais e amistosas com Celso Furtado. Quero também apontar uma possível conexão de rede intelectual entre Furtado e Campos. Quando pensamos redes de intelectuais visualizamos uma série de conexões e ramificações, e estas redes apresentam sempre novas configurações, e por mais que houvesse um distanciamento entre os dois intelectuais nos anos 1960, ambos compartilharam das mesmas ideias até haver a cisão de suas parcerias. O Campos que elaborou o PAEG não é o mesmo Campos do início dos anos 1950, enquanto o Celso Furtado que elaborou o Plano Trienal não é o mesmo Furtado do início dos anos 1950. Não quero divagar muito, mas a apresentação dos dois economistas é importante para o leitor se situar ao longo do artigo. O referencial teórico buscará abranger o tratamento da utilização de fontes autobiográficas na historiografia, explorando as contribuições de Contardo Calligaris, Phillipe Lejeune, Jaume Aurell e Leonor Arfuch sobre o assunto. O tratamento teórico dado a hipótese da conexão entre redes intelectuais entre Celso Furtado e Roberto Campos será dado principalmente a partir da perspectiva de Eduardo Devés-Valdés. Ao final do artigo o objetivo é apresentar a conexão de rede intelectual através dos eventos principalmente de 1953 que ligam os dois economistas, além de explorar as subjetividades inerentes ao aspecto da escrita de si.

## Autobiografias como fontes históricas

Na historiografia as autobiografias passam a ganhar espaço acadêmico a partir da emergência da História Cultural, sobretudo a partir dos anos 1970. Até então a utilização de biografias e autobiografias eram pouco legitimadas pelos círculos intelectuais e historiográficos. A valorização do subjetivo e das experiências individuais abriram novos campos de pesquisa, um deles foi a ego-história, como apontado por Pierre Nora, até a micro-história italiana, citando alguns exemplos desta virada epistemológica. As estruturas deram lugar para os fragmentos, a valorização das singularidades permitiu a aceitação acadêmica de fontes históricas antes esquecidas ou destinadas a outros campos de estudo<sup>1</sup>. Neste espaço foram incluídas as autobiografias. Como a fonte utilizada neste artigo trata-se das autobiografias de Celso Furtado e Roberto Campos, cabe fazer algumas reflexões sobre o lugar das autobiografias como fonte histórica e sua função historiográfica. Primeiramente cabe destacar os motivos pelos quais as pessoas escrevem sobre si, numa função inerente da memória e da narrativa.

diários íntimos e autobiografias são escritos por motivos variados: respondem a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de um novo sentido. Frequentemente, aliás, esses três aspectos se combinam (CALLIGARIS, 1998, p.43).

Contardo Calligaris levanta os principais motivos pelos quais diários e autobiografias são escritos. São três motivos principais que se combinam, sendo eles a confissão, justificação ou invenção de um novo sentido. Nas autobiografias de Roberto Campos e Celso Furtado parecem se destacar as funções de justificação e de invenção de novo sentido. Isto porque tanto Furtado quanto Campos relatam em suas memórias os feitos profissionais, acadêmicos e políticos, justificando suas ações dentro do contexto histórico em que estavam inseridos. A invenção do novo sentido está ligada com o ponto de vista de cada intelectual, ou seja, a possibilidade de escrever sobre seus feitos ao mesmo tempo em que podem se defender de críticos dos seus trabalhos. No caso das autobiografias selecionadas neste artigo, a vida dos autores se confunde com a história econômica do Brasil do século XX, coube a eles deixar suas memórias para contrapor ou confirmar o que foi escrito sobre o período. A contraposição serve como justificativa ao

---

<sup>1</sup> Mas o surgimento da autobiografia intelectual nos moldes tradicionais ou como ego-história relaciona-se a um contexto de mudanças significativas na epistemologia histórica, iniciadas desde os anos setenta e que deram maior credibilidade aos elementos subjetivos e às experiências individuais. De fato, as tendências historiográficas recentes identificam a autobiografia como um objeto de pesquisa privilegiado, em razão da ênfase atual recair sobre conjunturas em detrimento de estruturas, relatos particulares em vez de grandes modelos, casos singulares no lugar de padrões estatísticos, biografias do que monografias, descrições em vez de análises, vida cotidiana contra eventos públicos, consumo no lugar da produção, e ao invés de macrohistória, microhistória (AURELL, 2014, p.346-347).

mesmo tempo que dá um novo sentido aos fatos históricos que marcaram a vida destes intelectuais.

Considerados os motivos pelos quais as autobiografias são escritas, busco aprofundar a discussão a respeito do espaço das autobiografias acadêmicas, onde se enquadram as autobiografias de Furtado e Campos. Jaume Aurell destaca a recente utilização destas fontes pelas ciências sociais, convergindo com a utilização também recente na historiografia:

Na verdade, o fenômeno da autobiografia acadêmica é relativamente recente e é um excelente reflexo da evolução das ciências sociais durante a segunda metade do século XX, quando ocorre um aumento da visibilidade e influência do mundo acadêmico na cultura ocidental, e alguns acadêmicos tornam-se pessoas públicas, cujas opiniões sobre questões e atividades para além das salas de aulas começam a importar. Um dos efeitos dessa maior visibilidade é o reforço das conexões entre a identidade pessoal e profissional dos acadêmicos que passam a validar publicação de suas autobiografias (AURELL, 2014, p.345).

Aurell assinala que o fenômeno da autobiografia nas ciências sociais é datado da segunda metade do século XX. São acadêmicos que adquirem maior visibilidade além dos muros das universidades e passam a ser reconhecidos pelos seus posicionamentos e feitos públicos. Celso Furtado e Roberto Campos podem ser visualizados como acadêmicos que ganham maior visibilidade na medida em que passam a se posicionar como intelectuais públicos. Celso Furtado após concluir seu doutorado em economia na Universidade de Sorbonne, passa a exercer importantes cargos na Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e como ministro do Planejamento do Governo Goullart, antes de ir para o exílio durante a civil-ditadura militar. Roberto Campos participou da comissão brasileira que participou da Conferência de Bretton Woods, exerceu cargos públicos, chegando ao Ministério do Planejamento do Governo Castello Branco. O fazer autobiográfico destes dois intelectuais são peças fundamentais para refazer e confrontar seus caminhos em comum. As autobiografias de ambos são fontes que ajudam a entender o pensamento econômico brasileiro, principalmente em relação as tensões existentes nas trajetórias de Furtado e Campos.

Sobre questões a respeito da veracidade do que está escrito nas autobiografias, existem alguns cuidados metodológicos, pois as narrativas podem esconder alguns detalhes, como esquecimentos, imprecisões e omissões. O autor da autobiografia pode escolher dar maior ênfase para determinados assuntos e menos para outros, além de exaltar algumas ações enquanto silencia outras. A singularidade do sujeito se torna o centro da autobiografia, seu posicionamento é assumido a partir do presente da escrita, pois, o exercício da memória faz com que o autor escreva sobre fatos do passado, onde comumente ocorrem distâncias temporais de décadas entre o fato e a escrita. Esta diferença temporal permite uma maior reflexão sobre os fatos escritos e as experiências posteriores determinam como o autor irá escrever sua autobiografia. Sobre a narrativa autobiográfica, Phillipe Lejeune tece um conceito muito usado no campo literário, que é o *pacto autobiográfico*.

É diante da manifesta impossibilidade de ancoragem factual, “verificável”, do enunciador, que Lejeune, consciente de enfrentar um dilema filosófico que atravessa a história do autobiográfico, propõe a ideia do *pacto autobiográfico* entre autor e leitor, desligando assim crença e verdade: “Pacto (contrato) de identidade selado pelo nome próprio” (ARFUCH, 2010, p.53).

O pacto autobiográfico determina uma relação entre o autor e o leitor. Este pacto permite uma visão inovadora a respeito da verdade dos fatos narrados. Os fatos da vida do autor apresentam uma natureza mais flexível, pois como Lejeune coloca, é retirado o peso da ancoragem factual, do verificável, algo que não pode ser inteiramente contemplado como real. Contardo Calligaris também reflete sobre a verdade do sujeito:

A verdade do sujeito mudou de forma. Portanto, sua vida e seu ato autobiográfico tendem a constituí-lo com uma imagem que vive no e pelo olhar dos outros. Nem por isso o ato autobiográfico contemporâneo é menos digno da atenção do historiador. Ao contrário, pois de um diário, de uma autobiografia, o que o antropólogo da modernidade pode e deve antes de mais nada esperar é que o escrito informe justamente sobre a modalidade pela qual, naquele momento e lugar, o sujeito moderno consegue se dar um pouco de consistência (CALLIGARIS, 1998, p.55).

O ato autobiográfico possui a tendência de construir a imagem do autor pelo olhar daquele que o lê. Não se trata da vida do autor em si, apesar da narrativa ser construída com este foco, mas a questão é que após o ato de leitura, o leitor passa a ter uma perspectiva da vida do autor que não foi necessariamente a vida vivida, mas sim a vida recepcionada pelo leitor. A citação de Calligaris vai de encontro com o *pacto autobiográfico* de Phillippe Lejeune no sentido em que proclama que a verdade do sujeito mudou de forma e que a imagem do autobiógrafo vive no e pelo olhar dos outros. Surge nesta afirmação a relação do pacto entre autor e leitor. Calligaris fala da importância das autobiografias para o trabalho do historiador, remetendo a tendência historiográfica da História Cultural que passa a valorizar este tipo de fonte, e no qual são valorizadas as subjetividades, por isto que a objetividades da vida do autor que não podem ser captadas pela autobiografia não impedem o trabalho de reconstrução operacionalizado pelo historiador<sup>2</sup>.

### **Celso Furtado e Roberto Campos: uma conexão entre redes de intelectuais**

Celso Furtado e Roberto Campos produziram vasta obra, desde livros, artigos, planos econômicos, relatórios de planejamento, entrevistas, e ocuparam o Ministério do

---

<sup>2</sup> Ora, se para o sujeito moderno falar de si responde à necessidade cultural imperiosa de reconstruir ao mundo e a si mesmo no silêncio deixado pelo ocaso da sociedade tradicional, a série das fórmulas de seus atos autobiográficos deve nos informar de maneira privilegiada sobre seu devir, sobre os caminhos pelos quais ele se constituiu e, quem sabe, sobre o seu futuro. Nesse sentido, uma história da subjetividade moderna é impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos (CALLIGARIS, 1998, p.51).

Planejamento, Celso Furtado como Ministro do Planejamento de João Goulart e Roberto Campos como Ministro do Planejamento do governo Castello Branco. A principal marca que deixaram no governo e no planejamento econômico brasileiro foram os Planos Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social e o Plano de Ação Econômica do Governo. Nas obras autobiográficas *A Fantasia Organizada* e *a Fantasia Desfeita* de Furtado e *A Lanterna na Popa* de Campos revelam passagens em que é possível identificar momentos de parcerias entre os dois importantes economistas. As principais relações entre Celso Furtado e Roberto Campos aconteceram mais precisamente na primeira parte dos anos 1950.

Dentro do campo da História Intelectual existe as redes entre intelectuais<sup>3</sup>. Considerando a importância destes dois economistas, com Celso Furtado e toda a sua experiência ao desenvolver teorias desde o final dos anos 1940 na CEPAL, e Roberto Campos com sua experiência teórica em economia e prática ao ocupar cargos de destaque no BNDE, passaram a trabalhar juntos em 1953 na Comissão Mista CEPAL-BNDE. Não irei me aprofundar na ampla rede que Celso Furtado formou na CEPAL, nem nas redes formadas no BNDE e com grupos liberais por Roberto Campos, quero explorar uma conexão entre estas duas grandes redes. A hipótese é que ao Furtado se aproximar de Campos uma conexão entre as redes se formou. Irei discutir teoricamente esta possibilidade relacionando com as argumentações teóricas feitas principalmente por Eduardo Devés-Valdés.

Primeiramente irei apresentar o conceito de rede intelectual, fazendo a pergunta e respondendo com a citação de Devés-Valdés: O que é uma rede intelectual?

Se entende por tal um conjunto de pessoas ocupadas na produção e difusão do conhecimento, que se comunicam em razão de sua atividade profissional ao longo dos anos (DEVÉS-VALDÉS, 2007, P.30)<sup>4</sup>.

A citação deixa em evidência o que é uma rede intelectual. As relações que passaram a existir entre Celso Furtado e Roberto Campos configuram o que pode ser a conexão de uma rede, pois, a aproximação entre os dois se deu em virtude da atividade profissional que ambos exerciam. Uma outra definição de rede pode ser encontrada em Adriane Vidal Costa, qualificando a rede da seguinte forma:

---

<sup>3</sup>Propomos um programa de trabalho, do ponto de vista teórico-metodológico, que conecte a história intelectual com a história das ideias e com a história dos intelectuais. As ideias que os intelectuais propagam em suas produções, as suas intervenções públicas, os debates que suscitam, as formas pelas quais se organizam, os mecanismos mediante os quais as ideias circulam, os circuitos que se estabelecem provocam rede que, como já apontamos, são objetos de reflexão desta proposta de estudo. (COSTA, 2018, p. 157-158).

<sup>4</sup> Se entiende por tal a un conjunto de personas ocupadas en la producción y difusión del conocimiento, que se comunican en razón de su actividad profesional, a lo largo de los años (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 30).

Uma rede intelectual pode ser definida, a princípio, a partir do estabelecimento de contatos profissionais, durante um período determinado, entre um conjunto de pessoas que se reconhecem como pares e que, de maneira consciente, utilizam esses contatos para promover algum tipo de atividade profissional que pode ser, entre outros, a circulação da informação, a difusão de seu trabalho, a organização de grupos, a criação de revistas ou instituições e, até mesmo, a defesa de interesses corporativos (COSTA, 2018, p. 154).

Na definição de Adriane Costa reforço a ideia de que Celso Furtado e Roberto Campos formaram uma conexão de rede entre os grupos da CEPAL e do BNDE, pois existiram vários contatos profissionais entre ambos, inclusive com indicações mútuas. Existe o reconhecimento dos dois como pares, ambos são economistas ligados ao desenvolvimentismo e com larga carreira acadêmica e profissional. Os contatos entre os dois foram usados para pensar o planejamento brasileiro, ou seja, existia um projeto político e econômico que ligava os intelectuais, também ligava as duas instituições que eram por eles representadas. Existia o interesse institucional em que seus esforços em conjunto poderiam contribuir para resultados concretos que seriam a aplicação de políticas públicas de desenvolvimento que ajudariam o Brasil a crescer e melhorariam o bem-estar das pessoas que seriam atingidas pelos benefícios do planejamento econômico. Celso Furtado e Roberto Campos provavelmente acreditavam que juntando suas forças poderiam coordenar grupos que realmente pudessem aplicar o conhecimento teórico que ambos desenvolveram ao longo de tantos anos.

As redes podem ser formadas de diversas formas, não apenas nas relações pessoais e diretas entre as pessoas, outras formas de comunicação podem caracterizar tipos de redes:

As formas de relação entre quem constitui uma rede podem ser variadas. Os encontros cara a cara, a correspondência através de diversos suportes e contatos telefônicos dão lugar a congressos, campanhas, publicações, comentários ou resenhas de livros, citações recíprocas e outras tantas formas em que se estabelecem articulações no mundo intelectual (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p.30)<sup>5</sup>.

Devés-Valdés fala que as formas de relação que constituem as redes podem ser variadas, podemos afirmar que a relação entre Celso Furtado e Roberto Campos foi cara a cara, naturalmente também deveriam ocorrer contatos telefônicos, caronas de automóvel, citações mútuas. Através da descrição dos suportes de comunicação entre os intelectuais é possível fazer a conexão entre Campos e Furtado, principalmente no ano de 1953 quando trabalharam juntos. Depois houve um afastamento devido a divergências ideológicas, porém, até este fato dos afastamentos faz parte das relações em rede. Pois os intelectuais não estão próximos o tempo todo, existem períodos que eles

---

<sup>5</sup> Las formas de relación entre quienes constituyen una red pueden ser variadas. Los encuentros cara a cara, la correspondencia a través de diversos soportes y los contactos telefónicos dan lugar a congresos, campañas, publicaciones, comentarios o reseñas de libros, citaciones recíprocas y otras tantas formas en que se establecen articulaciones en el mundo intelectual (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 30).

podem se aproximar, estreitar uma amizade, aumentar as afinidades ideológicas, mas o afastamento também é inerente ao ser humano, pois podem existir brigas, inveja, ciúmes, ou seja, os sentimentos humanos afloram e assim como as afinidades aproximam, os sentimentos negativos podem afastar. O afastamento de Campos e Furtado parece ter ocorrido apenas por discordância de ideias, no qual o alinhamento pleno com Eugênio Gudín sufocou os anseios desenvolvimentistas de Roberto Campos.

No evento que estamos concentrados, isto é, o momento da parceria CEPAL-BNDE, surge uma outra forma de manifestação das redes, que é através das próprias instituições onde os intelectuais estão atuando:

As afinidades eletivas entre intelectuais que trabalham sobre questões similares criam relações espontâneas que vão se afirmando frequentemente desde épocas estudantis. [...] A densidade da comunicação faz que a espontaneidade se vá transformando em institucionalidade, tendendo as sociedades, centros, associações, congressos, publicações e outras (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 31)<sup>6</sup>.

Em certos momentos percebemos como a relação entre intelectuais na rede pode tornar-se densa, principalmente quando apresentam algum projeto em conjunto. Posso dizer que a conexão de rede estabelecida entre Celso Furtado e Roberto Campos foi densa no início dos anos 1950, a mesma densidade não poderia ser conseguida pós segunda parte dos anos 1960. Primeiro porque ambos não mais dividiam as mesmas ideias a respeito do desenvolvimentismo a ponto de fazer com que seguissem projetos em comum, segundo porque com o golpe militar cada intelectual escolheu seu caminho<sup>7</sup>. Celso Furtado após o fracasso do governo João Goulart não tinha outra saída senão buscar o exílio, enquanto Roberto Campos acabou aproximando-se do regime, e de intelectuais mais radicais da ala direita e liberal. Roberto Campos permaneceu no país atuando intelectualmente de forma livre durante a ditadura, enquanto Celso Furtado precisou esperar alguns anos para voltar ao país, retornando apenas em 1983. Mas a questão é que o alinhamento entre Celso Furtado e Roberto Campos nos anos 1950 é interessante. Com certeza um aprendeu com o outro e compartilharam dos mesmos problemas do planejamento, inclusive arranjando soluções em conjunto. Podemos pensar que existe um pouco do Roberto Campos no Plano Trienal e um pouco do Celso Furtado no PAEG.

---

<sup>6</sup> Las afinidades electivas entre intelectuales que trabajan sobre cuestiones similares crean relaciones espontáneas que se van afirmando frecuentemente desde épocas estudiantiles. [...] La densidad de la comunicación hace que la espontaneidad se vaya transformando en institucionalidad, tendiendo a las sociedades, centros, asociaciones, congresos, publicaciones y otras (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 31).

<sup>7</sup> Em parte, isso implica em compreendermos a circulação de ideias como um processo de emissão e recepção das ideias, evidenciando que, quando as ideias circulam em diferentes espaços e em diferentes veículos, elas vão produzindo mutações e se tornando, em grande medida, híbridas. Neste caso, é primordial mostrarmos que o intelectual, no interior de uma rede, assume a condição de um importante veiculador de ideias (COSTA, 2018, p. 155).



Retornando aos aspectos teóricos da organização de uma rede intelectual, Devés-Valdés aponta a aproximação com o conceito de campo, cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu:

Por outro lado, rede e campo se tocam em certo sentido. Uma rede intelectual pode ser entendida como um campo ou como agente de um campo. Nela se produzem disputas ou participam de disputas pelo poder e pelo capital sociocultural. Porém, a noção de rede visa principalmente detectar e destacar a colaboração e não o conflito ou a competição (DEVÉS-VALDÉS, 2000, p. 35)<sup>8</sup>.

Devés-Valdés cita que rede e campo se tocam em certo sentido. A noção de campo foi desenvolvida por Pierre Bourdieu ao longo de suas obras, principalmente em *Economia das trocas simbólicas* e *O poder simbólico*, no entanto, por mais que não nos fixemos nas noções de Bourdieu sobre campo e *habitus*, para contextualizar o leitor usaremos as definições escritas por Bernard Lahire na obra *Vocabulário Bourdieu*, na qual o autor de forma sintética define o que é campo e *habitus*:

Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global (nacional ou, mais raramente, internacional).

[...]

Um campo é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições ocupadas pelos diferentes agentes do campo. As práticas e estratégias dos agentes só se tornam compreensíveis se forem relacionadas às suas posições no campo. Entre as estratégias invariantes, encontra-se a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão do estado da relação de forças existentes: as primeiras são mais frequentemente as estratégias dos dominantes, enquanto que as segundas correspondem às dos dominados (e, entre eles, mais particularmente dos “recém chegados” no campo). Essa oposição pode assumir a forma de um conflito entre “velhos” e “novos”, “ortodoxos” e “heterodoxos”, “conservadores” e “revolucionários”, etc.

[...]

A cada campo corresponde um *habitus* (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo (*habitus* filológico, *habitus* jurídico, *habitus* futebolístico, e etc.). Apenas os que tiverem incorporado o *habitus* próprio do campo estão em condições de disputar o jogo e de acreditar da importância dele (LAHIRE, 2017, p.65).

Para Roberto Campos e Celso Furtado formarem uma conexão da mesma rede, os dois estavam compartilhando de um mesmo campo, que foi a junção da CEPAL com o BNDE, a Comissão Mista que formaram, a totalidade de técnicos e intelectuais pode ser considerado o campo inteiro, pessoas com um conhecimento específico, com missões de

<sup>8</sup> Por otra parte, red y campo se tocan en cierto sentido. Una red intelectual puede ser entendida como un campo o como agente de un campo. En ésta se producen disputas o participa de disputas por el poder o por el capital socio-cultural. No obstante, la noción de red apunta prioritariamente a detectar y a poner en relieve la colaboración y no el conflicto o la competencia (DEVÉS-VALDÉS, 2000, p. 35).

trabalho no mesmo sentido, e com uma ideologia e formação parecida. Podemos chamá-los de planejadores desenvolvimentistas, por exemplo. Este é o campo que se assemelha a rede como foi colocado por Devés-Valdés. Se temos o campo e a rede ampla de toda a Comissão Mista CEPAL-BNDE, temos o *habitus* que forma este grupo de pessoas, que é o que fortalece a ligação entre os membros da rede. Aderindo à rede, cada intelectual ou técnico que faz parte tanto da CEPAL quanto do BNDE comunga das mesmas expectativas e criam entre si vínculos não só profissionais, mas também de amizade. Trabalhando muito tempo em conjunto dividem outras questões que não exclusivamente de serviço, criando formas de agir que identificam o grupo. No entanto, o cimento que fortalece o *habitus* é a forma de pensar e trabalhar que define a cada um dos participantes da rede, se temos o campo dos planejadores desenvolvimentistas, para fazer parte deste grupo cada sujeito deve possuir sua identidade e agir de acordo com o *habitus*, temos o *habitus* destes planejadores em afluência diariamente nas atitudes que demandam as funções da Comissão Mista CEPAL-BNDE.

Outro ponto importante sobre as redes discutido por Devés-Valdés refere-se aos energizadores e os canais das ideias. Energizadores são intelectuais como Furtado e Campos, que produzem ideias e influenciam toda a rede com seu pensamento. Sobre os energizadores Devés-Valdés argumenta que:

Construir um modelo de circulação envolve determinar os tipos de energizadores e os canais de ideias. Os energizadores são divididos entre pessoas que agem por conta própria, podendo mediar várias pessoas entre emissor e receptor, e organismos ou estados. A energia aportada pelas pessoas vem de um ou mais indivíduos que veiculam ideias, divulgam-nas em um meio e estas se propagam entre outros que eventualmente, por sua vez, as tornam conhecidas dos outros, podendo ou não mediar acordos entre os primeiros (DEVÉS-VALDÉS, 2018, p. 108-109)<sup>9</sup>.

Concluo este arranjo teórico com o conceito de energizadores, pois antes de adentrar nas relações entre Celso Furtado e Roberto Campos, devemos ter em mente que ambos são energizadores e que fazem parte de uma conexão de rede.

### **Celso Furtado e Roberto Campos: o olhar de um sobre o outro**

Nesta seção trarei recortes das fontes autobiográficas, ilustrando as relações de redes que teorizei na seção anterior. Celso Furtado assim relembra na obra *A Fantasia Organizada* o seu primeiro encontro com Roberto Campos:

---

<sup>9</sup> Elaborar un modelo de circulación consiste en determinar los tipos de energizadores y los canales de ideas. Los energizadores se dividen entre personas que actúan motu próprio, pudiendo mediar varias personas entre emisor y receptor, y organismos o estados. La energía aportada por personas proviene de uno o más individuos que transportan ideas, las difunden en un medio y estas se expanden entre otros que eventualmente, a su vez, las dan a conocer a otros más, pudiendo o no mediar concertación entre los primeros (DEVÉS-VALDÉS, 2018, p. 108-109).

A geração jovem da carreira diplomática inclinava-se a favor da CEPAL, particularmente aqueles que haviam servido algum tempo nas Nações Unidas, em Nova York. Era o caso de Roberto de Oliveira Campos, que eu encontrava pela primeira vez. Descobrimos rapidamente muitos pontos de vista em comum, e fizemos boas relações. Mostrou-me, então, o memorando reservado que preparava sobre a CEPAL, onde fazia referências elogiosas aos trabalhos que realizara o seu secretariado em relativamente pouco tempo, comparando-a favoravelmente a outras instituições (FURTADO, 1997, p. 219).

A citação de Furtado é reveladora em relação das aproximações de Roberto Campos no que se refere ao pensamento da CEPAL. Na época Roberto Campos com 35 anos de idade era um jovem diplomata brasileiro nos Estados Unidos, e a aproximação deste com as Nações Unidas promoveu um clima de amistosidade com a entidade. Interessante que logo se firmou uma relação amistosa entre os dois economistas a ponto de descobrirem diversos pontos em comum. O fato de Campos apresentar também o memorando com referências elogiosas ao trabalho da CEPAL mostra seu interesse pela instituição.

A alternativa que naquela época se apresentava à Comissão Mista, ainda em termos vagos, era o *planejamento integral*, defendido pela CEPAL, em grande parte sob a influência de Celso Furtado. Eu tinha curiosidade intelectual por essa metodologia, então em gestação, que transformaria o Estado em agente capaz de garantir o desenvolvimento auto-sustentado (CAMPOS, 1994, p. 164).

Roberto Campos cita a aproximação com a CEPAL, apontando sua curiosidade intelectual a respeito do planejamento integral pelo qual propunha a CEPAL. Provavelmente se não houvesse um economista do porte de Celso Furtado no comando da criação das teorias cepalinas Roberto Campos não despertaria o mesmo interesse. Com as declarações do economista, percebemos que se encontrava na primeira fase do seu pensamento, pois, se interessou por uma proposta de planejamento global, algo completamente avesso aos modelos econômicos das vertentes monetaristas e defensoras do livre mercado. O fato de Campos relatar em sua autobiografia sua fase desenvolvimentista nos permite estabelecer como as subjetividades dos economistas os aproximam, pois, uma curiosidade intelectual justificou a consolidação de uma parceria importante que passou a existir entre a CEPAL e o Grupo do BNDE. Todavia, olhando o lado de Celso Furtado podemos contestar a argumentação de Roberto Campos de uma simples aproximação por curiosidade intelectual. Segundo Celso Furtado:

Do lado brasileiro, a pessoa mais influente na constituição da Comissão Mista, e seu co-presidente, foi Roberto de Oliveira Campos, diplomata de carreira com formação de economista. Ele nos visitou em Santiago, a Prebish e a mim, expôs-nos o projeto de criação do banco de desenvolvimento e convidou-me para integrar a equipe da nova instituição. As experiências da Nacional Financeira, no México, e da Corporación de Fomento de la Producción no Chile, haviam demonstrado que um banco de desenvolvimento é o mais importante instrumento

de política de industrialização em países subdesenvolvidos (FURTADO, 1997, p.267).

Celso Furtado também reconhecia o potencial intelectual e a influência de Roberto Campos, não é à toa que cita o economista como o mais influente da Comissão Mista<sup>10</sup>. Furtado cita a visita de Roberto Campos à Santiago do Chile, onde se encontra a sede da CEPAL, expondo um projeto de criação do banco de desenvolvimento. O interesse de Campos pela CEPAL não parece uma simples curiosidade intelectual, tendo em vista que sua missão era criar uma instituição financeira que permitisse o desenvolvimento do país por via da concessão de créditos para o crescimento da economia a partir da industrialização do Brasil. A única referência possível no período para pensar o planejamento de economia periféricas era a CEPAL. Roberto Campos, apesar de sua influência na criação do BNDE, carecia de contato com técnicas de planificação mais robustas, sua única alternativa parece ter sido a CEPAL e o exemplo do banco de desenvolvimento chileno, onde já existia uma experiência prévia com este tipo de planificação. Roberto Campos não era ingênuo, por mais que ainda fosse um jovem desenvolvimentista queria se amparar nas experiências teóricas e práticas oriundas da CEPAL para escorar suas técnicas de planejamento que seriam aplicadas na criação do BNDE, e mais do que isso, a aproximação com Celso Furtado renderia a formação de uma Comissão que dava todo suporte para o BNDE. Era uma experiência real e prática que não pode ser resumida a apenas uma curiosidade intelectual na *planificação global*.

A visita de Roberto Campos a Santiago do Chile, para uma conversa com Raúl Prebisch e Celso Furtado, tinha a intenção de colocar Celso Furtado como o diretor do grupo da CEPAL, formando uma grande parceria com Roberto Campos, que comandaria o grupo do BNDE:

Visitei Santiago do Chile, em janeiro de 1953, como diretor econômico do BNDE, para solicitar a assistência técnica da CEPAL para o planejamento brasileiro, indicando expressamente a Raul Prebisch o desejo de contarmos com Celso Furtado como chefe do grupo da CEPAL (CAMPOS, 1994, p. 164).

Essa condição de Roberto Campos fortalece a hipótese da formação da conexão entre Celso Furtado e Roberto Campos para a concepção de uma grande rede intelectual integrando a CEPAL e o BNDE, com a troca de experiências e ideias entre as duas instituições promovendo um fluxo de conhecimentos que perpassavam os intelectuais das duas instituições. Por mais que tenhamos a formação de uma grande rede através

---

<sup>10</sup> Mas Campos não parecia tomar muito a sério o que dizia. Corriam a seu respeito histórias de que fora de “esquerda”, que Osvaldo Aranha o acoimara de “comunista”. Quando o conheci, era um homem essencialmente preocupado com a modernização do país. Os anos que passara nos Estados Unidos, onde completara estudos universitários, e a experiência das Nações Unidas, onde servira a delegação brasileira, haviam causado forte impacto na sua visão de mundo. Tinha consciência do atraso do Brasil e estava convencido de que havia que lutar contra isso sem preconceitos ideológicos (FURTADO, 1997, p. 269).

da iniciativa de Roberto Campos em se aproximar de Celso Furtado, reforço algumas contradições na narrativa de Roberto Campos, na qual, o autor resume a aproximação a apenas uma aventura acadêmica, na qual estava interessado apenas no conhecimento da técnica de planificação:

Meu interesse na metodologia cepalina misturava curiosidade intelectual e ceticismo pragmático. Já àquela ocasião eu era bem menos otimista que a CEPAL no tocante à capacidade governamental de *coordenar racionalmente o mercado*; e bem menos pessimista em relação às supostas inelasticidades da agricultura e das exportações. Por isso mesmo, dois anos depois, em fins de 1955, quando comecei a trabalhar no Plano de Metas de Juscelino, ative-me ao método mais modesto de *planejamento setorial* (CAMPOS, 1994, p. 164).

Roberto Campos cita seu pessimismo em relação a capacidade da CEPAL coordenar racionalmente o mercado. Para um interessado pelo planejamento, Campos parecia muito cético ao fechar seu acordo para a formação da Comissão Mista, pois, em 1953, quando acontece esse encontro com Furtado, a curiosidade intelectual parecia ter sido superada pela consolidação do acordo entre as duas instituições<sup>11</sup>. Novamente Campos parece contraditório ao dizer que se via pessimista com os resultados do planejamento geral. O olhar do Campos que escreveu a autobiografia em 1994 já era muito distante do Campos planejador de 1953, e, passados 41 anos o pensamento do autor com certeza não era o mesmo, logo suas memórias com certeza foram influenciadas pelos eventos posteriores à experiência de Campos com a CEPAL, tanto que Campos deixou de lado o planejamento para ser um crítico do modelo interventor do Estado. O Campos de 1994 que escreve essas memórias se diz um pessimista em relação ao otimismo da CEPAL, logicamente o seria, pois ao longo das décadas mudou radicalmente sua forma de pensamento. Porém, Campos continuou praticando o planejamento econômico, mas descrente do modelo do planejamento global da CEPAL, adotou em 1955 o planejamento setorial, que para ele poderia ser mais bem praticado.

Celso Furtado cita esta passagem de tempo, no qual Campos estava curioso em conhecer a técnica de planificação global, e aplicá-la no Brasil com a assessoria da CEPAL:

Na época, trabalhávamos na *Técnica de Planificação*, e nada eu desejava mais do que poder contribuir para difundi-la no Brasil. Prebish sugeriu a fórmula conciliatória: criaríamos um grupo misto, com técnicos da CEPAL e do novo banco de desenvolvimento, sob minha direção, para abordar problemas mais a

<sup>11</sup> Minhas dúvidas sobre o planejamento integral haviam sido inicialmente despertadas pela famosa controvérsia entre Celso Furtado e Octávio Gouvêa de Bulhões, em fins de 1953. Bulhões arguia que o método da CEPAL de “fixar a soma e a distribuição dos investimentos necessários à obtenção de determinado ritmo de crescimento da renda nacional”, seria imaginar um “processo exógeno de crescimento”. Nas economias de mercado, isto é, num regime econômico de progresso espontâneo, a relação de preços é que é a base essencial da realização dos investimentos, “enquanto que no regime de planejamento – dizia ele – a relação de preços resulta dos investimentos projetados” (CAMPOS, 1994, p. 166).

longo prazo, que seriam o verdadeiro desafio a ser enfrentado pela nova instituição.

[...]

Minha cooperação com Campos estabeleceu-se de forma harmoniosa. Seu interesse pelo planejamento decorria de uma preocupação quase obsessiva em reduzir o campo da “irracionalidade” na política. Era um homem secreto, que somente exteriorizava opiniões mediante aforismos e circunlóquios: resguardava-se de todos os lados e tendia para uma visão pessimista das coisas (FURTADO, 1997, p. 268).

Furtado declara que teve uma relação harmoniosa com Campos, o que demonstra que os dois economistas trabalharam juntos para o sucesso do novo banco de desenvolvimento. As proximidades entre os dois intelectuais reforçam nossa hipótese da conexão de rede, por mais que ambos os economistas tenham tendências teóricas diferentes. É possível estabelecer através do que revela as duas autobiografias que Furtado confiava muito nos compromissos da CEPAL para propor meios em que a industrialização e o desenvolvimento ocorram através da planificação estatal. O perfil de Furtado soava como otimista para Roberto Campos, enquanto o perfil de Campos era de um pessimista para Furtado. No entanto, Furtado revela no trecho acima mais uma característica de Campos referente ao seu interesse pela planificação, que é reduzir o campo da irracionalidade na política. A irracionalidade é um dos pilares do livre mercado, não existe um planejamento, mas sim a relação entre livres forças que levam a um ponto ótimo em que o mercado faz o melhor para todos, regulando os melhores preços e fazendo sobreviver os melhores concorrentes que teoricamente ofertam os melhores produtos e serviços. Mas o planejamento é ao contrário do irracionalismo do livre mercado, é na racionalização do planejamento que se diminuem os riscos e se regulam os mercados, que na prática não funcionam de forma mágica como na teoria e nas ideias dos defensores deste modelo. Roberto Campos, que futuramente se tornaria defensor do modelo de livre mercado, em 1953 buscava diminuir a irracionalidade do livre jogo político pela previsibilidade do planejamento. Realmente, estas passagens revelam um intelectual em transformação, e destaco outra vez a forma com que a narrativa da autobiografia de 1994 parece eximir Campos desta fase “desenvolvimentista”, em que diminui seus anseios apenas a pessimismo com o planejamento e uma curiosidade pelos métodos. Não é possível reconstruir o passado, mas sua postura no período revela um desenvolvimentista interessado em aprender mais sobre o planejamento, e que via na CEPAL a solução para diminuir a irracionalidade do mercado e da política através de um planejamento global, e o BNDE no início da sua criação estava unido neste objetivo.

Dou destaque a transformação pela qual passa o pensamento de Roberto Campos, deixando aos poucos de ser o desenvolvimentista que propôs a Comissão Mista CEPAL-BNDE, e tornando-se o liberal que se aproximou de Eugênio Gudin. Se nesta primeira parte percebemos como se forma uma conexão de uma rede intelectual, mostrarei nas linhas que seguem como uma rede pode enfraquecer através de novos contatos e novas experiências pelas quais os intelectuais experimentam. Antes de adentrar na fase do enfraquecimento da conexão da rede, mostrarei através de uma citação a admiração que

Celso Furtado possuía por Roberto Campos enquanto intelectual, também, um detalhe de uma viagem de automóvel, em que os dois economistas pareciam realizar constantemente até a cidade de São Paulo.

Certa vez, fomos a São Paulo de automóvel, alternando-nos no volante. Quando me cabia dirigir, ele lia ao lado a tese de doutorado de Nuno Fidelino de Figueiredo, sobre a economia keynesiana, que ele, Campos, iria examinar no dia seguinte. Aqui e acolá, desabafava: “Incrível, esse cara sabe tudo, leu toda a bibliografia, não deixou nada para o examinador, que tenho a dizer mais!”. Fiquei apreensivo com a situação constrangedora a que ele ia se expor. No dia seguinte, deu um “banho” completo no Nuno, envolvendo-o por todos os lados e, inclusive, mostrando insuficiências na bibliografia (FURTADO, 1997, p.268).

A descrição feita de Roberto Campos revela a admiração acadêmica que Furtado tinha por ele, e sendo um trabalho sobre a economia keynesiana, mostra o domínio que Roberto Campos tinha sobre o assunto a ponto de dar um “banho” durante a defesa de doutorado do economista Nuno Fidelino de Figueiredo. A respeito do pessimismo de Roberto Campos, Celso Furtado cita outras vezes esta característica, o que nos faz imaginar porque Campos deixou de ser desenvolvimentista e passou a pender para o lado do liberalismo econômico. Celso Furtado coloca que:

Esse pessimismo congênito aparecia inclusive em muitos daqueles que se empenhavam em modernizar o Brasil. Conversando certa vez com Campos sobre a criação da Petrobrás, surpreendeu-me constatar que sua posição crítica não era fruto de sua alergia a tudo o que estivesse inquinado de “nacionalismo”. Eu argumentara que a indústria petroleira era o melhor negócio do mundo, sendo grande vantagem que a tivéssemos em nossas mãos.

[...]

Em tese, ele estava de acordo, mas observou com um gesto negligente: “O problema é que nós não temos capacidade para instalar e dirigir esta indústria”. As pessoas com esse enfoque tendiam a pensar que a solução para o Brasil estava em atrair o maior número possível de empresas estrangeiras, que aqui viriam a fazer aquilo para o que demonstrávamos incapacidade (FURTADO, 1997, p.278).

O pessimismo de Roberto Campos parecia ter uma influência decisiva na sua visão de mundo. Em conversa com Celso Furtado a respeito da viabilidade da Petrobrás, Campos concorda em teoria que a indústria petroleira era o negócio mais lucrativo do mundo e que traria importantes divisas financeiras para o Brasil, mas lhe faltava acreditar na eficiência da administração estatal. O pessimismo de Roberto Campos é o que o impedia de acreditar na eficiência da administração das empresas do Estado. Como Celso Furtado observa, este é o motivo não só pelo qual Roberto Campos mas também outras pessoas, tendem a ver que a solução para este problema está fora do país, na abertura do mercado para empresas multinacionais, estas sim com pessoal capacitado para tocar os negócios no Brasil. É interessante esta observação, pois a mudança do pensamento e viés de Roberto Campos não é por não acreditar na eficácia das teorias dos desenvolvimentistas, mas sim por nutrir uma desconfiança na

capacidade da administração pública nacional. O pessimismo de Roberto Campos parece ter sido o sentimento que o moveu a defender as ideias liberais, contrariando suas convicções anteriores, e o afastando de Celso Furtado na defesa das propostas cepalinas de desenvolvimento. Roberto Campos em sua autobiografia fala um pouco a respeito deste momento, em que diz se distanciar de qualquer forma de desenvolvimento, tanto do desenvolvimento *schumpeteriano* que propunha uma industrialização em constante processo de inovação e renovação, quanto um modelo de desenvolvimento derivado, ambos controlados pela atuação do Estado. Fala que em ambos os modelos não se recomenda nenhum tipo de intervenção Estatal para regulamentar e planejar a industrialização, aproximando-se então das ideias de Eugênio Gudín, que segundo ele assumiam uma lógica implacável<sup>12</sup>.

Minhas divergências com Gudín e Bulhões, muito comentadas na época, eram talvez mais de ênfase que de substância. E diminuíram rapidamente, à medida que adquiri maturidade intelectual e experimentei desilusões quanto à eficácia do serviço público. Gudín e Bulhões tinham alergia às palavras *planejamento e desenvolvimentismo*, que eu defendia com ousadia juvenil (CAMPOS, 1994, p.168).

Ao alinhar-se com Eugênio Gudín, Roberto Campos distancia-se do seu viés desenvolvimentista. A tríade ficou bem conhecida como os principais economistas liberais brasileiros do século XX, e Campos associa sua aproximação ao desenvolvimentismo como uma inocência de alguém que estava ainda no início da sua carreira, e que com a maturidade intelectual ele viu que o planejamento seria algo impraticável de forma eficiente. A questão importante é que Roberto Campos havia exercido funções administrativas em cargos públicos, como o que ele ocupou no BNDE, e talvez experiências negativas nestes quadros públicos tenham desiludido o ainda jovem Roberto Campos em relação ao desenvolvimentismo. Uma coisa importante em evitar colocar rótulos nos intelectuais é justamente o engessamento que não capta de forma hábil as mudanças pelas quais os intelectuais passam ao longo de suas vidas. A trajetória de Roberto Campos evidencia a natureza fluída pela qual a História Intelectual retrata teoricamente os caminhos pelos quais os intelectuais passam ao longo de suas vidas. Ricardo Bielschowsky assume o risco de ser criticado ao rotular estes intelectuais, compreendemos que um intelectual como Celso Furtado manteve sua raiz desenvolvimentista por toda a sua carreira, mas Roberto Campos experimentou diversos momentos, culminando com a crítica ao estatismo e a aproximação definitiva na sua terceira fase com os economistas de matriz liberal.

Celso Furtado, percebendo a mudança de Roberto Campos para a ala liberal/direitista, exaltou a arrogância na qual Eugênio Gudín se referia aos economistas

---

<sup>12</sup>Para mim, já na década dos cinquenta se tinha tornado claro que a suposta diferença entre o desenvolvimento *schumpeteriano* e o desenvolvimento *derivado* não justificaria o intervencionismo governamental. O raciocínio do professor Gudín me parecia de lógica implacável (CAMPOS, 1994, p. 166-167).



desenvolvimentistas, e cita que Campos ainda enxergava os problemas brasileiros do ponto de vista subjetivo, ou seja, na confrontação entre razão contra instinto.

No clima de exaltação que emergiu dessa ideologia nacionalista do desenvolvimento, saída da “consciência das massas”, crucificaram, algum tempo depois, a Hélio Jaguaribe, no próprio instituto por ele criado, por haver admitido a possibilidade de participação de capitais estrangeiros na exploração de petróleo em futuro indeterminado. Em contraposição perfilava-se a arrogância do professor Gudin, que via no nacionalismo simples manifestação de “burrice”. Campos insistia em ver no problema apenas uma luta da “razão contra instinto”, quando se tratava de uma confrontação entre seitas (FURTADO, 1997, p. 322).

A confrontação entre seitas citada por Furtado refere-se aos desenvolvimentistas e os liberais. Havia também os desenvolvimentistas com forte apelo nacionalista, os quais não aceitavam nenhum tipo de intervenção de capital estrangeiro, principalmente em uma área estratégica como a extração de petróleo. Por isto Celso Furtado cita a condenação de Hélio Jaguaribe em seu próprio instituto, que era um reduto de intelectuais nacionalistas. Do lado extremo dos desenvolvimentistas nacionalistas estavam os liberais como Eugênio Gudin, já citado por Furtado como uma figura arrogante, e que tinha agora ao seu lado Roberto Campos. Campos ainda trazia as mesmas questões de 1953 referente ao confronto com a planificação e o instinto. Furtado alerta que não era uma questão de técnicas de planificação ou o desenvolvimento de teorias, o confronto entre as seitas refletia as disputas de ideologias a respeito do desenvolvimento do país. As diferentes correntes atacavam seus rivais ao invés de pensar um modelo coerente de desenvolvimento, que deixasse de fora os extremismos e as vaidades de cada intelectual, e pensasse de forma objetiva alternativas para o desenvolvimento do Brasil. Os anos 1950 e 1960 foram anos de grandes turbulências para o pensamento econômico brasileiro, destacando o embate entre desenvolvimentistas e liberais, só que mais do que isto, a história das ideias nos permite perceber como as principais correntes de pensamento econômico passavam ou não a se tornar hegemônicas. Existia até meados dos anos 1950 uma inclinação para o desenvolvimentismo, porém, após o fracasso do Plano Trienal, o presidente Castello Branco deu lugar para um programa de estabilização econômica com o PAEG, havendo uma breve retomada das ideias monetaristas. Celso Furtado, neste contexto que prosseguiu os anos 1950, passou a exercer a atividade um posto de diretor no BNDE, ocupando-se da área do Nordeste<sup>13</sup>. Lucas Lopes, que era o presidente do Banco assumiu um cargo de ministro da Fazenda, e Roberto Campos se tornou o superintendente do Banco. Por mais que ideologicamente separados, Celso Furtado e Roberto Campos continuavam parceiros no BNDE, não havendo uma desconexão entre a rede que unia

---

<sup>13</sup>O fato é que renunciara a meu cargo nas Nações Unidas e aceitara um posto de diretor no BNDE sob condição de que minha atuação se circunscrevera à área do Nordeste. O presidente do banco, engenheiro Lucas Lopes, assumira o cargo de ministro da Fazenda, sendo substituído pelo superintendente, Roberto Campos. Eu assumira em substituição ao diretor que ascendera à superintendência (FURTADO, 1997, p.68).

ambos. Campos ainda acreditava que a missão de Celso Furtado era a de inserir um pensamento racional na ala esquerda do pensamento econômico brasileiro<sup>14</sup>.

Outras relações podem ser obtidas do período em que Celso Furtado e Roberto Campos foram parceiros. Campos relata em sua autobiografia que durante o governo Juscelino Kubitschek convenceu-o a oferecer uma vaga de Diretor Executivo da SUMOC para Furtado, ato que não se realizou por mero detalhe do destino:

Sugeri-lhe então que persuadisse Juscelino a convidar Celso Furtado para a posição que se vagara, de diretor executivo da SUMOC. Lucas obteve de Juscelino autorização para o convite. Procurei desesperadamente, numa quinta-feira, comunicar-me com Celso Furtado, que, nessa ocasião, se achava como leitor visitante na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Graças à precariedade dos serviços telefônicos e ao fato de que havia um fim de semana prolongado, não consegui contato com Celso. Foi uma felicidade, pois Celso não teria nenhuma vocação para o cargo de executor de políticas monetárias restritivas. Seus interesses sempre foram na linha do institucionalismo e do planejamento. Nunca se debruçara sobre o problema monetário e sua visão da questão do balanço de pagamentos era também superficial (CAMPOS, 1994, p. 341).

Por pouco Furtado não assumiu o cargo na SUMOC, Campos deu graças, pois segundo ele Furtado não era uma pessoa habilitada para o cargo pois desconhecia os meandros da teoria monetarista. Ainda durante o governo Juscelino houve um acalorado debate sobre as intervenções do FMI no Brasil em troca da concessão de créditos, e naturalmente os economistas de vertente desenvolvimentista nacionalista eram contra os desmandos da instituição internacional. Kubitschek teria marcado uma reunião com Campos para discutir o assunto, mas o convidado não esperava que Celso Furtado também estivesse lá:

- Você tem mania de reforma cambial – disse-me Juscelino.

[...]

Concordou entretanto em adiar qualquer providência imediata e disse-nos que convocaria para um almoço no Catete para o dia seguinte. Para esse almoço convidaria também Amaral Peixoto, que acabara de deixar a embaixada de Washington, e Walther Moreira Salles, que para lá partiria em julho. Coube a Walther suceder a Amaral Peixoto na difícil e tensa fase pós-ruptura.

[...]

Quando comparecemos ao palácio para o almoço, aguardava-nos uma surpresa, que todos consideramos indelicada. Aberta a porta da sala de reuniões, já lá se encontravam Celso Furtado, Cleanto Paiva e Ewaldo Corrêia Lima, que tinham

<sup>14</sup> O debate ideológico exacerbava-se por essa época, e Lucas Lopes era um dos alvos mais visados pelos críticos de esquerda. Na conversa que tivemos, ele se referiu ao avanço que o Brasil estava realizando, o que as esquerdas não viam ou não queriam ver. Juntamente com Roberto Campos, achava ele que meu papel deveria ser “injetar racionalidade” no pensamento de esquerda, criando aquilo que San Tiago Dantas chamaria, algum tempo depois, de “esquerda positiva” (FURTADO, 1997, p. 75-76).

sido convocados mais cedo, aparentemente para instrumentarem Juscelino para o debate. Os três que trabalhavam comigo no BNDE, pertenciam à chamada “corrente de técnicos nacionalistas”. Já haviam obviamente persuadido Juscelino da inevitabilidade, senão da desejabilidade, de uma confrontação com o FMI (CAMPOS, 1994, p.360).

Percebemos as mobilidades dentro das redes intelectuais, os nacionalistas citados por Campos trabalhavam junto com ele no BNDE, ou seja, faziam parte do mesmo campo. Mas essas reações diferentes no mesmo campo revelam que as redes podem possuir instabilidades, que se alteram ao longo do tempo na medida em que seus participantes fluem suas ideias em caminhos opostos. Obviamente havia uma disputa dentro do campo, e os defensores das políticas cambiais não compartilhavam das mesmas convicções dos nacionalistas. Este pode ter sido um ponto decisivo do enfraquecimento da rede estabelecida entre Celso Furtado e Roberto Campos.

### Considerações Finais

O artigo procurou demonstrar uma conexão de rede intelectual entre Celso Furtado e Roberto Campos. Através das autobiografias de Celso Furtado e Roberto Campos apresentei citações que trataram de evidenciar o período em que ambos os economistas trabalharam juntos durante o período da Comissão Mista CEPAL-BNDE, e que neste referido recorte temporal, estabeleceram uma conexão de rede intelectual. A hipótese da rede intelectual se tornou consistente ao longo do desenvolvimento do artigo, pois os trechos selecionados nas duas autobiografias são contundentes ao explorarem a visão de um economista a respeito do outro e evidenciar as relações de amizade, ideológicas e políticas entre os economistas durante o início dos anos 1950. A partir destas experiências pessoais foi possível discutir os pontos de convergência e de distanciamento entre Celso Furtado e Roberto Campos, considerando a convergência nos anos 1950, sobretudo em 1953, e posteriormente de afastamento nos anos 1960. Por fim, ao longo da parceria na Comissão Mista CEPAL-BNDE trouxe pontos das autobiografias que evidenciaram as divergências entre os dois economistas, mostrando que as conexões entre redes de intelectuais são fluídas, pois os integrantes vão experimentando outras experiências e vivências ao longo do tempo. As redes não se mantêm estáticas, e isto fica latente quando se examina o caso de Celso Furtado e Roberto Campos, no entanto, foi possível dentro destas instabilidades identificar que o ponto de maior aproximação entre os dois ocorreu em 1953, para depois ocorrer uma constante cisão que se consolida nos anos 1960 quando Roberto Campos se assume como liberal ao alinhar-se com Eugênio Gudin.

### Referências

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010

AURELL, Jaume. *Textos autobiográficos como fontes históricas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel*. Revista História (São Paulo) v.33, n.1, jan/jun. 2014.

- BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro: O Ciclo Ideológico do Desenvolvimento*. 2ªed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de autobiografias e diários íntimos*. Estudos Históricos, Arquivos Pessoais, n.21, 1998/1, p.43-58.
- CAMPOS, Roberto. *A lanterna na popa*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.
- COSTA, Adriane Vidal. *Uma proposta teórico-metodológica para o estudo de redes intelectuais latino-americanas formadas nos exílios nas décadas de 1960 e 1970*. In: *Nas tramas da cidade letrada*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *O Pensamento Latino-Americano no Século XX: tomo II – Da CEPAL ao Neoliberalismo (1950-1990)*. Trad. Gilmar Antonio Bedin e Joice Graciele Nielsson. Ijuí: Editora Unijuí, 2014.
- DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Redes Intelectuales en América Latina: Hacia la constitución de una comunidad intelectual*. Santiago de Chile: Segunda Época, 2007.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da USP, 2009.
- DOSSE, François. *La Marcha de las Ideas: Historia de los intelectuales, Historia Intelectual*. Valência: Universitat de València, 2007.
- ENNE, Ana Lúcia. *O Conceito de Rede e as Sociedades Contemporâneas: Comunicação e Informação*. V7, nº2. Pág 264-273.- jul. /dez.2004.
- FURTADO, Celso. *A Fantasia Desfeita*. In: *Obra Autobiográfica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LAHIRE, Bernard. *Campo*. In: CATANI, Afrânio Mendes [et al.] *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- LEJEUNE, Phillipe. *O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha; Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.
- MALTA, Maria Mello (et. Al.). *Ecos do Desenvolvimento: Uma História do Pensamento Econômico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ipea: Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento. 2011.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: RÉMOND, Renné.(Org.). *Por uma História Política*. Trad. Dora Rocha. 2ªEd. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da História Intelectual: Entre Questionamentos e Perspectivas*. Campinas: Papirus Editora, 2002.